

# Antes pecar do que cardar: um filho de Manteigas, em oceano de ira, na aurora do século XVIII

ANTÓNIO DOS SANTOS PEREIRA

Universidade da Beira Interior / LABCOM

## RESUMO

Para construir a biografia de José Rodrigues, o “Manteigas” (1665-1724?), recorreremos em particular a três processos do Tribunal do Santo Ofício. A partir destes, inferimos os livros de medicina e cirurgia a que teve acesso e utilizou como curandeiro, percebendo que terá ultrapassado os necessários princípios éticos em alguns casos. Os testemunhos confirmam práticas sexuais arrojadas fora da normalidade matrimonial. De mais, parece demonstrada a competência adquirida por aquele nas artes ligadas à produção de tecidos de lã como cardador e tintureiro, dado ter sido filho de um pisoeiro de Manteigas e ter trabalhado em estabelecimento idêntico na Covilhã.

## PALAVRAS-CHAVE

Biografia, Saúde, Covilhã, Sertã, Inquisição

## ABSTRACT

The biography of José Rodrigues, the “Manteigas” (1665-1724?), was made with the resource to three inquisitorial processes of the Holy Office Court. Then, the antique medicine and surgery books are referred to. He utilized them as a curious, a selfish witchdoctor, and we understand that the necessary ethical principles were not regarded, in some cases, by him. The testimonies confirm audacious sexual practices outside of marriage normality. More, it seems demonstrated the competence acquired

by him in the arts linked to the production of wool fabrics, for example carder and dyer, because he grew up near the fulling-mill of the family at Manteigas and had worked in a similar establishment at Covilhã.

#### KEYWORDS

Biography, Health, Covilhã, Sertã, Holly Office.

#### INTRODUÇÃO

Informado com toda a sua experiência pessoal, mas também a objetividade e a metodologia científicas do seu ofício, o historiador deve assumir como motivo e lema o mais fundo percebimento do desígnio humano, tanto nas dimensões individuais quanto nas coletivas, sem preconceitos, mesmo diante de factos que aparentemente fogem à normalidade e caem sob a alçada dos aparelhos incumbidos da defesa das ortodoxias em todos os tempos. Antes de mais, coloca-se-lhe o magno problema da verdade para além dos credos religiosos ou dos normativos costumeiros ou legais, institucionais, sociais ou estatais. Apesar da configuração religiosa intrínseca aos processos do Tribunal do Santo Ofício, importam-nos, em particular, os valores constituintes da dignidade humana e mais do que questionar a veracidade da informação intencionalmente dada pelas gentes do tempo, devemos certificar a que nos chega de forma lateral nas séries de testemunhos arrolados e chegar à materialidade dos processos históricos ou seja à substância do acontecer. De facto, nas páginas adiante, elaboramos a biografia de um beirão serrano muito especial a partir dos três processos que lhe foram movidos por aquele tribunal e trazemos à colação o longo projeto de um “Portugal Leitor” na vertente menos erudita, mas mais comprometida com a sociedade do tempo, depois de termos desenvolvido aquela que atingiu o esplendor máximo nos âmbitos da Literatura, da História, da Política, da Filosofia e da Teologia em Frei Heitor Pinto (Pereira 2012) e aportado uma notável carreira cívica e política, de jornalista, alto-funcionário e bibliotecário, como a de Feio Terenas (Pereira 2013). Partimos necessariamente das questões que implicam os percursos dos livros: como chegavam aos meios populares e eram utilizados. O prestigiado autor da *Imagem da Vida Cristã* não guardou os melhores elogios para “Os livros profanos de amores obscenos e delícias e desonestidades e excitações de pecados”. De imediato, contrapunha uma tríade de adjetivos, quanto ao objeto, a um substantivo, bem forte, quanto ao consumidor dos mesmos, ao dizer que estes tratavam de coisas “vãs, fofas e perniciosas” e são alimento de “porcos” (Pereira 2012: 65). Por seu turno, Feio Terenas, já em tempos de excelsa crença na liberdade humana, ainda no âmbito da democracia monárquica portuguesa, em Oitocentos, fez as melhores leituras dos grandes autores dos âmbitos romanescos ou doutrinários, como Victor Hugo ou Froebel ou Comte, tendo mantido uma verticalidade digna de nota, antes e depois da revolução republicana de 1910 (Pereira 2013). Retomamos

também uma linha de investigação iniciada há mais de uma década, então sem o cruzamento que agora fazemos do livro com as profissões beirãs ligadas aos lanifícios, e assinalada em um primeiro artigo intitulado “Os Abismos do Medo: Astrologia, Feitiçaria e Demónio desde a Idade Média. Notas Beirãs de um Projeto Imenso” (Pereira 2000). Sobre os paradoxos do amor, abordamos as expressões mais eróticas e as mais simbólicas no contraponto entre a *Celestina* de Fernando Rojas e a *Menina e Moça* de Bernardim de Ribeiro (Pereira 2009a). Assentamos tudo em um suporte fundo de investigação sobre as atividades produtivas, que desenvolvemos ao nível do país em tese de doutoramento (Pereira 1994 e 2003). No caso aqui considerado, observamos o âmbito de atuação de um cardador e tintureiro, o José Rodrigues, conhecido pela alcunha “O Manteigas”, por ser natural da vila serrana com tal topónimo e assim ser tratado pelos seus contemporâneos. Conferimos também as suas leituras e as arrojadas práticas em que se envolveu e, de acordo aos testemunhos que nos chegaram, poderíamos considerá-lo um predador sexual.

Na sociedade antiga portuguesa, marcada pelo analfabetismo, fora dos raros centros cultos, a universidade, a academia, o convento e o colégio, o livro nunca foi um bem vulgar. Possuir livros ou a eles ter acesso e saber ler representavam vantagens apenas para alguns, ainda que também, em qualquer momento, trouxessem inconvenientes graves, dada a vigilância do Tribunal do Santo Ofício através dos seus familiares disseminados por toda a parte. Desde o século XV, quando a civilização ocidental adquiriu a capacidade extraordinária de multiplicação de todo o tipo de textos, através da imprensa, desenvolveram-se também os aparelhos de controlo dos conteúdos dos mesmos. O primeiro índice de livros proibidos foi publicado pela Inquisição em 1547. Depois, novas listas foram editadas em 1551, 1559, 1561, 1564, 1581, 1597 e 1624, sendo numerosas as proibições de publicação de livros (Rego 1982: 95). No último índice, referido são arrolados 330 títulos, um aumento de 251% em relação a 1581. As regras que presidiam à elaboração dos roles de livros proibidos foram definidas em Trento e aparecem esboçadas em Portugal por frei Francisco Foreiro (1523-1581) já em 1561. Com efeito, a criação do *Index Librorum Prohibitorum* pelo concílio de Trento em 1559 e a sua ulterior edição, bem como um aparato de vigilância ligado à Inquisição teve o efeito perverso de os mais dedicados às letras condicionarem o seu talento não se dedicando aos temas considerados “perigosos”, mas de muita aceitação popular, como alertámos, por colocarem o homem em momentos difíceis da vida: o medo, a aceitação ou a recusa do amor, a doença, a vida e a morte. Numa visão ampla, são poucos os clérigos que cultivam a criação literária. Para além de manuais de ensino e catequese, sermões e matérias especulativas, não são eles que assumem a missão de edição de um conjunto de livros de carácter utilitário que chegassem aos meios populares e respondessem às suas necessidades mormente no âmbito da saúde, da agricultura, da pecuária, das manufaturas e do preenchimento dos imaginários com enredos do âmbito do maravilhoso salvo raras exceções como notámos em Gaspar Frutuoso com a história dos dois amigos, todavia inédito até ao século XIX (Pereira

2010). Ainda que, na Idade Média, tivesse cabido aos frades e monges, firmes então na defesa da unidade do saber, a fixação na escrita de algumas achegas da alquimia, tal acontece cada vez menos no período moderno. De facto, são poucos os livros que conseguimos identificar no campo alquímico nas primeiras livrarias portuguesas. Notamos, no entanto, que a publicação de obras de índole médica em vulgar trouxe aos curiosos capazes de os ler, em espaços, onde faltavam os respetivos profissionais ou mesmo em alternativa a estes, novas respostas às velhas práticas costumeiras nas mãos de curandeiros. Alguns, como o José Rodrigues Manteigas, tiravam partido do facto sem quaisquer considerações de ordem ética, bem longe daquilo que ficou consignado no juramento de Hipócrates na versão de 1771: “Em toda a casa, aí entrarei para o bem dos doentes, mantendo-me longe de todo o dano voluntário e de toda a sedução, sobretudo longe dos prazeres do amor, com as mulheres ou com os homens livres ou escravizados”. O fenómeno dos livros de medicina erudita utilizados nos meios populares sem intervenção dos respetivos profissionais já foi bem desenvolvido no Brasil confirmando-se como a partir deles “derivou uma literatura de feitiçaria, litomania, astrologia e baixa medicina” (Nava 2003: 227). Alguns espaços portugueses também já mereceram a atenção dos historiadores de forma mais sistemática como é o caso da diocese de Braga (Soares 1993).

Notaremos os livros médico-cirúrgicos e de práticas curativas que o José Rodrigues utilizou adiante e na bibliografia final. Concordamos que o aproveitamento mágico dos saberes alquímicos prejudicou a sua aceitação, no entanto, tal acontece por ausência daqueles que deviam continuar a atribuir-lhes dignidade, mesmo que tivessem de enfrentar os poderes religiosos e civis instituídos. Não o tendo feito, a ciência tardou a florescer em ambientes onde os homens se dividiam entre a convicção da verdade e a luta pela sobrevivência como aconteceu com Galileu. Neste trabalho, informaremos sobre algumas obras que, entretanto, circulam nos meios populares, nem sempre com as melhores práticas e a necessária ética dos envolvidos. Podemos mesmo supor que os livros aparecem como matéria de feitiço se não para os utilizadores pelo menos para os curiosos que os observam e murmuram. Assim nos parece em algumas ocasiões da vida de José Rodrigues Manteigas, por exemplo, quando, em 1700, António Nunes testemunha que aquele tinha em casa um “livro grande e que ninguém o sabia ler senão ele” (ANTT, TSO, IL, 28-09358, fl. 48). Ou quando anos depois de ter passado por Lisboa constava que o mesmo tinha “muitos livros de ervas” e por eles lia e que aprendera com mouros e chineses e estava convencido que todos os achaques se curavam recorrendo às informações que os mesmos disponibilizavam (ANTT-TSO-IL-028-09358-1, fl. 31). A cunhada aduz que ele trouxera de Lisboa, em 1706, “um livro que tinha muito boas medicinas para curas”, (ANTT-TSO-IL-028-09358-1, fl. 40), entre as mesmas, cita o dito pó de quintílio. Seguramente, aquele, consultou a *Polyanteia Medicinal* (1697), do seu contemporâneo João Curvo Semedo (1635-1719), se não original, pelo menos em uma cópia manuscrita, e parece-nos que seguia as advertências e estudava as quantidades a aplicar. No último processo que lhe

foi movido, aquele confessa dispor da *Pharmacopea Lusitana* que fora editada em Coimbra, em 1704, quando cumpria pena nas galés. Para nosso espanto, dispunha mesmo da *Relacion y Memoria* (1616) de Alexandre Quintilio, sobre a quinta-essência do ouro. José Rodrigues recortou nesta obra a figura daquele autor para falsificar a sua carta de cirurgião, identificando-a ao monarca. Dispunha também do vulgarmente conhecido “Lunário Perpétuo”, que deve ter obtido quando, pela segunda vez, cumpria pena nas galés (Cortez 1707). Através deste livro de bolso, adquiriu as suas noções de cosmologia, cronologia, climatologia, economia, liturgia, e de prognóstico cirúrgico e médico e o conhecimento da virtude de algumas ervas. Foram-nos referidos também como sua pertença um livro de Duarte Madeira Arraes, médico de D. João IV, autor do *Tratado das Virtudes dos Óleos de Enxofre, Vitriolo Philosophorum, Alecrim, Salva e Agoa Ardente* (1648) e do *Methodo de Conhecer e Curar o Morbo Gallico*, que teve edições em 1642 e em 1683. Notamos que este autor ganhou renome internacional pois uma obra sua foi traduzida em inglês (Arraes 1683). Outro livro trazido à colação é o do cirurgião António Ferreira, editado em 1693 (ANTT-TSO-IL-028-09358-1, fl. 62). De facto, quando ele ainda era muito novo, tinha sido organizado um compêndio com as qualidades e as virtudes de duzentas e sessenta ervas e o José Rodrigues deve ter tido acesso ao mesmo (Grisley 1669). Não conseguimos comprovar se ainda viu sair dos prelos em Lisboa a obra de outro seu contemporâneo, o médico de D. João V, Francisco da Fonseca Henriques (1665-1731), *Aquilégio Medicinal*, que lhe lembraria as termas da sua saudosa vila de Manteigas. Não podemos também inferir que tenha conhecido a obra do judeu covilhanense Romão Mosia Reinhipo ou Simão Pinheiro Morão (1620-1686), *Tratado Único das Bexigas e Sarampo* (1683), que fez carreira em Pernambuco.

Com alguma frequência, encontrá-lo-íamos a ler à porta de casa, como seria normal, ao tempo, por escassamente iluminadas as habitações beirãs, expondo-se ao comentário malévolo dos vizinhos que o viam a aprender neles a “diabrura” (ANTT-TSO-IL-028-09358-1, fl. 39v). Uma das testemunhas descreve um dos livros que José Rodrigues Manteigas transportava consigo, na bolsa da casaca (ANTT-TSO-IL-028-09358-2, fl. 21), como autêntica matéria de feitiço: encadernado a preto, alto e com folhas douradas e fechos amarelos, um palmo de comprimento, por meio de largura (ANTT-TSO-IL-028-09358-2, fl. 20v). Seria um livro bíblico com algumas figuras estampadas, segundo aquele, o “Livro dos Profetas”. Dispor de livros de cirurgia ou de ervas era um investimento, mas podia significar também um passaporte para os cárceres secretos da Inquisição para os menos avisados. Médicos, cirurgiões e barbeiros encartados não aceitavam de bom-tom a concorrência dos curiosos, que acusavam como feiticeiros ou benzedeiros. Por seu turno, o povo, em alguns momentos, transforma-se “em grande e estúpida besta”, como o percebeu Erasmo de Roterdão no *Elogio da Loucura*, e nem sempre são de fiar os seus testemunhos, filhos do murmúrio, da frustração e da inveja.

Entre os séculos XVI e XVIII, o aparelho inquisitorial cobre o território português de forma absolutamente avassaladora e, ao longo da vida, qualquer ser humano podia ser por ele apanhado na condição de denunciado, testemunha ou réu. Nos processos, aparecem dezenas de intervenientes, ficando nós a conhecer a naturalidade, o nome, a genealogia, a profissão e outras informações mais particulares, que nos interessam para reconstituir, por exemplo, os aparelhos produtivos e não só. No caso dos réus, pelos pormenores que nos chegam nas diferentes confissões, podemos mesmo reconstituir quase toda a sua vida e perceber o seu quotidiano: o respetivo imaginário, a interpretação dos factos da vida, os diferentes estados desta, a inveja e o ódio, a doença e a saúde, a religiosidade e as práticas sexuais. Sobre José Rodrigues que motiva este texto, chegaram-nos os três processos que lhe foram levantados e ficamos a conhecer muitos dos pormenores da sua vida desde a adolescência até aos seus últimos anos, podendo supor também os da meninice, alertando, obviamente, como o desamparo familiar, a solidão e a estranheza podem ter contribuído para uma personalidade desestruturada na dimensão afetiva.

#### A VIDA DO JOSÉ RODRIGUES

A vida de José Rodrigues pode ser compreendida em oito sequências narrativas com maior ou menor intensidade dramática:

- \* a infância em Manteigas (1-10 anos);
- \* a primeira adolescência na Covilhã (11-13 anos)
- \* a segunda adolescência e juventude em Penamacor (13-20 anos);
- \* a maturidade na Sertã: solteiro, na vila; casamento e paternidade, no Casal da Aldeia de Carnapete (21-35 anos);
- \* o primeiro processo, a primeira prisão e a primeira condenação às galés (36-42 anos);
- \* o segundo processo, a segunda prisão e a segunda condenação às galés (43-47 anos);
- \* o regresso já decadente à Covilhã, o trabalho como cardador em pisão na freguesia de S. Martinho e residência no Ferro (48-49 anos);
- \* a terceira prisão (50 anos), a condenação (52 anos) e a última pena nas galés (53-60 anos).

A documentação dá-nos informações em particular sobre dois palcos de vida, a Sertã e a Covilhã. Nos outros espaços, Manteigas, Penamacor, aljube da cidade da Guarda, cárceres do Santo Ofício e galés de Lisboa, a capacidade de urdidura do historiador preenche os vazios da trama. Naqueles dois cenários de vida, desaguam os rios da memória dos tempos de grande sofrimento físico, certamente também espiritual,

das condenações a que foi sujeito, das vivências mais difusas da infância, também atribulada, pela perda dos pais, e das aventuras da juventude, à procura de ofício e proteção. Não foi fácil a vida do José Rodrigues, nem nas terras sertanenses, nem nas covilhanenses, entre os espaços urbanos e os rurais, nem isenta de atentados ou crimes sexuais efetivos, a crer em alguns relatos, feitos de grandes pormenores. A facilidade de acesso a casa das potenciais vítimas, por ter desenvolvido alguma aprendizagem das artes curativas, facilitou aqueles. Sempre correu que utilizava mezinhas para conseguir atos sexuais (ANTT-TSO-IL-028-09358-1, fl. 49).

Os imaginários profissionais também se herdam particularmente em ambientes civilizacionais de predomínio de práticas na longa duração como os de Antigo Regime. A figura que aqui centraliza a nossa atenção não herdou o nome de família do pai, o pisoeiro Manuel Fernandes, mas o da mãe Isabel Rodrigues, que seria a segunda mulher daquele. Os irmãos que lhe conhecemos são, pois, filhos de um casamento paterno anterior e não nos parece que ele tenha sido bem-vindo ao seio da família, dados os comentários do José Rodrigues trazidos à colação em testemunho de uma cunhada que veremos adiante. Cedo conheceu, pois, o ambiente de produção de tecidos, em particular, as operações de carda, pisoamento e tingimento, que farão parte importante da sua vida até aos onze anos, não lhe sendo indiferente as vias da transumância e as pastagens da serra nas primeiras duas décadas da sua vida. José Rodrigues Manteigas podia ter levado uma vida profissional tranquila desde a aprendizagem, pelos seis, sete anos, até quando as forças não lhe falecessem, como era habitual, se tudo corresse numa suposta normalidade e ele tivesse nascido, vivido e morrido, na mesma localidade, como acontecia com os demais. Todavia, ele foi sempre muito mais além da inércia dos tempos por iniciativa própria ou forçado pelos agentes que veremos adiante e deslumbrou-se por ter percebido o prestígio das práticas curativas nas sociedades em que viveu. Tanto era assim que um seu contemporâneo com o prestígio de cronista da Ordem de São Domingos e membro da Academia Real da História, Frei Lucas de Santa Catarina, para demonstrar o seu eclético saber, recorria ao imaginário médico e autointitulava-se “cirurgião da experiência” e “doutor tudo espreira” (Santa Catarina 1704). Consta que ele teve um frade seu familiar, talvez um destes peregrinos do saber. Nós não podemos deixar de observar nele um curioso bem informado das práticas cirúrgicas e médicas de então.

José Rodrigues nascera em Manteigas, um ou dois anos antes de Batalha de Montes Claros de 1665, cuja vitória garantiu a restauração da independência portuguesa. Aqui se defrontaram mais de vinte mil homens de cada lado, com participação de mercenários de outras nações. Em Portugal, este número só seria ultrapassado posteriormente em uns poucos momentos bélicos: em 1801, na Guerra das Laranjas; entre 1807 e 1813, durante as Invasões Francesas e nas campanhas militares de portugueses e ingleses contra as mesmas; e, finalmente, na longa guerra civil que opôs liberais e absolutistas em particular na sua fase final, em 1832 e 1833, arrastando

cada vez mais mercenários de outras nações que universalizavam a guerra. Concordamos também que a estratégia militar, com um forte suporte na artilharia, conduzia os enfrentamentos para territórios mais planos, tendo-se preservado as zonas serranas, que, cedo, se revitalizam industrialmente, beneficiando da política industrialista do 3.º Conde da Ericeira. O país tinha sido sujeito a uma longa guerra de afirmação da sua independência, mas as marcas castelhanas ainda eram evidentes nestes territórios de fronteira desde os primórdios da nacionalidade, como já afirmamos em outra parte (Pereira 1997). A configuração continental da monarquia espanhola impunha-lhe investimento, particularmente nas vias do Interior, notório nas estradas e pontes, que substituíam os antigos tabuleiros de madeira por pedra. Em 1631, tinha-se procedido à reforma da antiga ponte de Valhelhas, assinalada já em 1410 (ANTT, C.S. Bento de Avis, m. 8, n. 777). Junto a Manteigas, o Zêzere seria atravessado sobretudo em grandes traves de madeira suportadas lateralmente e em algum pilar de pedra ao meio. Pelos investimentos, nos espaços urbanos e nas vias do interior, particularmente na reforma das pontes e consolidação das calçadas, parece que a monarquia dos Filipes dera alguma importância à região beirã nos caminhos da Estrela. Com efeito, aqui chegavam anualmente, desde os tempos medievais, os gados do Interior da Península para estanciar nos meses de verão e era preciso garantir a passagem segura dos principais caudais que cortam a Cova da Beira, durante todo o ano, particularmente o Zêzere e a ribeira da Meimoa. Ainda criança, aquele conheceu bem a força das correntes que descem da Estrela, cortam a vila e fornecem energia ao aparelho produtivo da sua vila natal. Os pais do José eram proprietários de um pisão e nas oficinas anexas deviam trabalhar alguns oficiais de carda. Além das tarefas ligadas ao pisoamento, entre os sete e os onze anos, tanto o José como o meio-irmão, que encontraremos décadas depois na freguesia do Ferro do concelho da Covilhã, aprenderam a executar as tarefas da cardação e também a ler e a escrever. A crer no seu testemunho, teve pelo menos outro meio-irmão (ANTT-TSO-IL-028-09358-1, fl. 39). Quando, aos onze anos, José Rodrigues deixou para trás o concelho de Manteigas, a vila não andava longe dos dois mil habitantes, divididos entre as freguesias de S. Pedro e Santa Maria. Como em todos os agregados serranos, as casas colavam-se umas às outras, ganhando as características descritas já no século XX por Barjona de Freitas (Freitas 1918) e Ferreira de Castro (Castro 1990: 25-27). Todavia, Manteigas não era um mero tugúrio serrano. Ali brotavam águas termais e as suas propriedades curativas sempre atraíram sazonalmente gente de longe. Alguns vinham à procura de saúde, curar tumores e doenças respiratórias, mais frequentemente. Talvez aqui tenha visto pela primeira vez aplicar as sanguessugas que ele utilizará mais tarde em Carnapete no concelho da Sertã. Não raramente, aqueles traziam doenças contagiosas para os habitantes locais.

Ainda na terra natal ou já na Covilhã, o José Rodrigues conheceu as propriedades de dezenas de plantas medicinais e percebeu algumas matérias-primas tintureiras. Já citamos a genciana, o alecrim, a arruda, a bardana, a pionia, o cerefólio, a congossa, a



madressilva, a malvarosa, a flor de carqueja e o pimpilro (Pereira 2009: 442). Sobre ele, foi testemunhado que sabia fazer tintas pretas para vestidos e para escrever (ANTT-TSO-IL-028-09358-1, fl. 25v). Muito provavelmente, “O Manteigas” aprendeu a utilizar o sumagre com mordente de ferro para produzir a dita tinta preta (Araújo 2012: 21). A sua vila natal sempre conservou laços apertados com a natureza que a envolve. O Zêzere, que a atravessa em meandros rápidos depois de percorrer a montante, praticamente em linha reta, o mais fabuloso vale de origem glaciário português, despertou nele a paixão pelo mistério da descoberta de onde vinham e para onde iam aquelas ruidosas e claras águas. Atravessá-lo-á inúmeras vezes na área da Sertã. Seguramente acompanhou os pastores até às fontes e nascentes do rio e cedo quis ir mais além. Neste interior português, sem concorrência, na expressão popular, o Zêzere ainda é apenas o rio, o contraponto das inúmeras ribeiras que, afinal, nele desagüam e assim findam. Notou as diferentes áreas de pastoreio: a dos pastores locais, a dos pastores de longe e aqui pode ter percebido as primeiras palavras em castelhano. Não era tão grande a serra que chegasse para todos pois havia conflitos entre a sua terra natal ora com a Covilhã, ora com Gouveia. O José estranhou o topónimo Poio do Judeu, as lendas do Cabeço de Alfátema e o Corredor dos Mouros, em particular. Observou a caudalosa fonte de Paulo Martins, cercada de azevinhos, que brotava da montanha e engrossava o Zêzere ainda no seu curso superior. Com o irmão, desceu este até uma outra das suas mais esplêndidas pontes, a Ponte Pedrinha, no Ferro. Não sabemos nada acerca dos outros irmãos que seguramente continuaram o empreendimento familiar se a praga do Tribunal do Santo Ofício o não extinguiu. Os mesmos laços familiares podem ter proporcionado a saída do José, de Manteigas para a Covilhã. Encravados em vales de recursos limitados, os apertados povoados serranos sempre forneceram um apreciável número de migrantes para os mais largos espaços da Cova da Beira e particularmente para o seu polo urbano de referência a Covilhã. José Rodrigues chegava aqui em 1676 para servir na casa do açougueiro Bento de Sequeira, filho de um sapateiro de Sousel acusado de judaísmo, heresia e apostasia e relaxado à justiça secular para execução vinte anos antes (ANTT, TSO, IE, 10697). Não podendo nós confirmar a condição de cristão-novo do recém-chegado de Manteigas, não deixa de ser curioso que este tenha entrado ao serviço de uma figura de tal condição originária do Alentejo. Bento de Sequeira rondava os trinta anos e devia fazer com alguma frequência o trânsito da serra por força do seu negócio de carnes. A mulher chamava-se Luísa Mendes e o filho Manuel da Silva. Este iniciará na sua nova terra uma genealogia ligada aos lanifícios. Dois anos depois de integrar este lar, em 1678 ou 1679, o recém-chegado de Manteigas partia para Penamacor para a casa da viúva Isabel de Proença, onde esteve quatro ou cinco anos. Esta senhora era filha de Manuel de Elvas Caldeira e donatária do ofício de escrivão do Juízo dos Órfãos nesta vila fronteiriça (ANTT, RGM, D. Afonso VI, liv.5, fl. 346). Entretanto, implantava-se o primeiro grande empreendimento manufatureiro da iniciativa do Conde da Ericeira. Com efeito, em 1679, a Covilhã assistiu a manifestações várias face ao projeto de implementação

de uma fábrica moderna inspirada no ideário desta figura e aqui executado por Gonçalo da Cunha Villas-Boas. Houve de tudo um pouco, panfletos, sermões, motins e agressões, demonstrando a riqueza manufatureira local ao nível das pequenas oficinas e o bom entrosamento urbano das diferentes esferas (Macedo 1982: 36). Não sabemos quantas vezes o nosso biografado cruzou a serra nos anos em que esteve a servir na Covilhã e em Penamacor de visita à vila natal e menos ainda, as novidades de que foi portador. Ele teria dito que o seu pai morrera nos cárceres do Tribunal do Santo Ofício de acordo ao testemunho de um seu denunciante, António Nunes, perante o comissário Lourenço Dias Salgueiro em 7 de Fevereiro de 1700 a quem o nosso biografado deu trabalho repetido (ANTT, TSO, IL, 28-9358, fl. 16). Todavia, nesta vila de fronteira, porventura já conhecido como “O Manteigas”, aprendeu a arte de curar com um cirurgião castelhano, diz-nos ele, e teve acesso aos livros do mesmo, assim o deduzimos. De facto, há de ficar desperto para aprender mais e ir muito além da mera experiência, através dos livros, como informa assim ter feito já depois de preso a primeira vez, citando o cirurgião António Ferreira nomeado acima (ANTT, TSO, IL, 9358-1, fls. 62 e 63-63v). Porventura, tratar-se-ia da obra *Luz Verdadeyra, e Recopilado Exame de Toda a Cirurgia*, impressa em 1693, o livro grande de que dispunha em Carnapete em 1700. Porém aquele que nós acreditamos que era o seu manual de uso permanente é o vulgarmente dito “Lunário Perpétuo”, o paradoxalmente grande livro de bolso do tempo já traduzido do castelhano para português. Seguramente, “O Manteigas” deve ter tido acesso a alguma edição do tratado de “Geronimo Cortes”, a primeira das quais foi realizada em Valência em 1595, nas mãos do mestre cirurgião com quem percorreu metade de Portugal, ainda em castelhano, porventura a de 1671 ou a de 1672. A primeira edição intitula-se *Libro de Phisonomia Natural, y Vario Secretos de Natureza: el Qual Contiene Cinco Tratados de Materias Diferentes, no Menos Curiosas que Provechosas* e os conteúdos despertaram o interesse dos Eremitas Descalços de Santo Agostinho que dispuseram daquela logo em 1598 ou pouco depois. Mais tarde, o Manteigas reencontraria este livro agora intitulado *O Non Plus Ultra do Lunario* em tradução de António da Silva Brito, em edição de 1707, e adquiriu-o. No confronto, com as primeiras edições em castelhano, percebemos que, no mesmo, tinham sido eliminadas as partes controversas pela Santa Inquisição. Nas primeiras páginas da obra do dito Jerónimo Cortez, aprendeu a fazer diagnóstico através das cores do rosto como nos parece notório, por exemplo, quando observa as mulheres em casa de um colega de trabalho na freguesia de S. Martinho na Covilhã. As cores do rosto e outros sinais indicam o temperamento e também a saúde ou a falta dela e até a boa ou a má natureza (Cortes 1595: 1-2). O Manteigas sempre pretendeu ler os bons e os maus sinais daqueles a quem era chamado a fazer o indispensável diagnóstico. Todavia, a prática médica aprende-se necessariamente junto dos mais experientes e o Manteigas diz-nos que assim foi também com ele ainda que não saibamos o nome do dito cirurgião. Com este, percorreu grande parte do país durante cinco anos. Já maduro, prestou serviços em Vale de Lobo, na Sortelha, em

S. Romão, Álvaro e Pampilhosa. Seguiu o curso do Zêzere e foi casar a Carnapete, no concelho da Sertã. Servia aqui de jurado, quando notamos uma série de acusações por crimes de que foi denunciado ao longo do ano de 1700. Refinará os procedimentos depois de passar pelos cárceres da inquisição e pelas galés no cumprimento de penas: persuasão de mulheres, particularmente jovens para relações sexuais, envolvidas em rituais de feitiçaria. O Tribunal do Santo Ofício ocupar-se-á dele durante três longos processos com intervalos de mais ou menos cinco anos conferindo a acusação de fornicação, atos impúdicos e lascivos, superstição, negação do pecado nas relações sexuais fora do matrimónio, curas com “vários ingredientes” e com bênçãos” como consta na acusação datada do primeiro de Outubro de 1700 (ANTT, TSO, IL, 28-9358, fl. 22-22v e 24v).

Já homem feito, o José Rodrigues era caracterizado por ser ruivo e baixo e vestir burel no estilo comum aos homens do seu tempo. Na observação e próximo da linguagem de uma testemunha que o observa com atenção, em casal junto a Cernache de Bom Jardim, era “hum homem pequeno de corpo, alvarinho, magro e algum tanto ruivo com hum pao ferrado e huma gabaia de burel já usada” (ANTT-TSO-IL-028-09358-1, fl. 51). Não nos parece inocente a indicação da tez ruiva, decerto sardenta, do José Rodrigues, em um contexto de tentativa de demonstração de feitiçaria. Quanto aos aspetos psicológicos, de acordo ao testemunho do barbeiro da aldeia de Carnapete, o Manteigas era colérico, bebia vinho, mas não se embebedava. Curiosamente também percebemos que houvera desentendimento recente entre esta testemunha e aquele.

Merece-nos muita atenção a forma de identificar a personalidade que centraliza a nossa atenção. Profissionalmente, aparece-nos como cardador e tintureiro. Também o conhecemos como filho de um pisoeiro, ainda que ele apenas uma vez se refira ao pai, que terá sido vítima, antes dele, na Inquisição de Lisboa, não tendo nós até agora identificado o respetivo processo que, decerto, nos informaria sobre a vida quotidiana em Manteigas na segunda metade do século XVII. Tal como seu pai, o José Rodrigues casou pelo menos duas vezes e foi irmão, pai e companheiro. A primeira mulher, Maria Fernandes, faleceu debaixo de escombros em morte suspeita depois do seu regresso de Lisboa em 1706 em fuga das galés. A família dela sempre desconfiou que tivesse sido ele o causador da morte. As cunhadas, Ana Pires e Isabel Pires, diziam que, se ele já sabia muito, antes de ir para Lisboa, agora sabia muito mais (ANTT-TSO-IL-028-09358-1, fl. 23v). A segunda mulher, Maria Dinis, uma vizinha com quem viveu maritalmente pouco tempo sem formalizar a ligação, que parece mais antiga, voltará a deixá-lo sozinho. Acusavam-no de se comunicar com esta, pelo buraco de uma parede entre casas, estando ainda viva a primeira mulher. Não deixam de nos comover as brincadeiras com o filho a quem perdemos o rasto. Junto dele, fazia que voava e sumia-se. Segundo o testemunho da cunhada, o José Rodrigues Manteigas teve dois meios-irmãos, um dos quais lhe augurou os cárceres do Santo Ofício, pelo menos por duas vezes (ANTT-TSO-IL-028-09358-1, fl. 39). Foi companheiro de gente

diversa, um cirurgião, um mouro em Lisboa e outros cardadores e, pelo menos, um tecelão em pisão na ribeira Degoldra na Covilhã. Porém as fontes, que nos reportam “O Manteigas”, mostram-no-lo sobretudo como curandeiro isolado em atos de marginalidade ou na prisão ou amarrado às galés e podíamos chamá-lo feiticeiro ou bruxo, dado às “más artes” de que o acusava uma jovem de vinte anos e das quais viveria em terras da Sertã, antes e depois de ser pela primeira vez condenado (ANTT-TSO-IL-028-09358-1, fl. 30). Um dos testemunhos diz que o José Rodrigues furtava ovelhas e carneiros e vendia-os aos quartos (ANTT-TSO-IL-028-09358-1, fl. 36v). Obviamente aprendera a arte de talhante no tempo em que servira na casa do açougueiro Bento de Sequeira na Covilhã como veremos adiante. Outro testemunho diz-nos que tinha comunicação com os animais. Todavia, não podemos tomar a parte pelo todo e deveríamos acreditar numa certa vida normal para além daquela de que foi acusado pelo Tribunal do Santo Ofício. Era alguém que sabia fazer tudo. Sobre os seus vizinhos, nós temos a vantagem de uma perspetiva mais longa no tempo com o privilégio de o acompanhar na escadaria da vida nas últimas duas décadas de autêntica descida aos infernos. Tentaremos o equilíbrio na narrativa imediata e frisaremos as contradições em alguns testemunhos, não deixando, no entanto, de observar como uns tantos atos marginais sobressaem sobre os muitos que derivam da normalidade do quotidiano, difícil em terra estranha, quando faltam os equilíbrios do afeto e a força da personalidade capaz de se guiar por princípios. Mas como se poderiam adquirir estes nos expedientes que, desde muito novo, teve de usar na luta pela sobrevivência?

O Manteigas procurava o barbeiro semanalmente na forma do tempo e assim o fizera antes da primeira pena que fora cumprir a Lisboa e depois que regressara em 1706, antes de ser preso novamente. Mesmo já não frequentando a barbearia por desentendimento e não se falando, diz-nos o barbeiro que se cumprimentavam “de chapéu” quando passavam um pelo outro (ANTT-TSO-IL-028-09358-1, fl. 24). De facto, apenas o barbeiro nos diz que o José não frequentava a missa, não guardava o jejum e a abstinência na Quaresma e durante as sextas-feiras de todo o ano de acordo aos mandamentos da Santa Madre Igreja. A ser confirmado este testemunho, os juízes poderiam ter juntado à acusação feitiçaria a de judaísmo e a pena seria sempre mais grave do que a de simples curandeiro, mas não o fizeram. Com aparente inocência, o barbeiro junta a interpretação que corria e lhe chegara da doença da dita Maria Nunes que despoletara este segundo processo. As ânsias e os desequilíbrios da mesma seriam provocados por dois bichos que a possuíam e que de vez em quando entravam em luta. O aprendiz de barbeiro confirmou o mestre. Mais nos parece que aquele procedera a investigação a mando deste. Não raramente, os testemunhos eram consertados, não valendo muito os juramentos feitos antes da sua prestação perante os inquiridores. Nós acreditamos que esta vítima da doença era também vítima de subnutrição e não foi por acaso a generosidade do Manteigas ao dar-lhe um bolo que ela comeu com os filhos e sujeitando-se aquele à acusação de ter juntado feitiços

ao mesmo. Pela interpretação mais funda dos testemunhos, não podemos deixar de perceber um caso de subnutrição e falta de higiene, metaforicamente, os dois bichos de que falava “O Manteigas”.

É extenso o repertório de crimes que podiam conduzir à aplicação de pena nas galés. Tal punição tinha por limite mínimo os dois anos desde lei, a propósito, datada de 30 de novembro de 1606 a fim de os condenados aprenderem “a linguagem e estilo das galés” (Silva 1854, vol. I: 184). Não sabemos exatamente onde cumpriu as penas a que foi sucessivamente condenado. Muito provavelmente, cumpriu a primeira e a segunda em Lisboa, na forma comum, ligado a um companheiro por uma cadeia com oito pés de comprimento, forçado a serviços tanto no mar como nos estaleiros, em penoso trabalho diário, de onze horas, com uma hora de intervalo e alimentação regulamentada. Notamos que as Ordenações Filipinas proibiam condenar às galés alguém com menos de 16 anos ou mais de 55 e que o José Rodrigues sofrerá a última condenação de sete anos já com a idade de 53 anos (*Ordenações e Leis do Reino de Portugal*, vol. III, 140, parágrafo 4, p. 503). As mesmas informam-nos que as galés estavam paradas entre outubro e março (*Ordenações e Leis do Reino de Portugal*, vol. III, 140, parágrafo 5, p. 503). Desconhecemos se os últimos anos de punição do José Rodrigues foram comutados pois perdemos-lhe o rasto. Notamos sim que as galés eram uma instituição desde os princípios da nacionalidade. Pelo cruzado Osberno, sabemos que, na conquista de Lisboa, faleceu o comandante das Galés do Rei (Osberno 1147: 100). Almeida Garrett ainda alude aos forçados nas Galés d’el-Rei no seu *Arco de Santana* (Garrett 1845:43). Também nos parece óbvio que as mesmas mantiveram no seu regulamento o costume que remonta à Reconquista de resposta à convocatória anual no início da primavera. No segundo processo que lhe foi movido, consta exatamente o dia da primeira entrada ao serviço numa das galés do Reino, em 1 de Abril de 2002, e o data da fuga, em 4 de janeiro de 2006, tendo, portanto, cumprido três anos, nove meses e quatro dias da pena de cinco anos a que fora condenado. No mesmo segundo processo, aparece-nos a trindade dos intervenientes na saúde das populações em modelo paradigmático e uma certa competição entre os mesmos: o médico municipal, o barbeiro de aldeia e o curandeiro de toda a parte. É importante o testemunho daquele para confirmarmos que estamos perante duas esferas bem distintas a atuar no campo da saúde ao nível local. Segundo o clínico sertanense, de acordo aos autores que tinha visto, os remédios que o Manteigas receitava obravam efeitos “ex diametro opostos” e que o mesmo não procedia “no curativo por methodo methodico mas sim extra esferam intellectus” (ANTT-TSO-IL-028-09358-1, fl. 51v). Tendo sido denunciado logo no mês imediato à fuga, sabemos que em sua perseguição viera um cabo da guarda das galés e que procedera a sua inquirição antes de aquele ser sujeito de novo ao Tribunal do Santo Ofício. Tirando esta parte, a saga de José Rodrigues tem, pois, algumas semelhanças com a de Jean Valjean que une as narrativas de *Les Misérables* de Victor Hugo.

Vários testemunhos ao longo dos três processos coincidem na acusação de assédio por parte do José Rodrigues a mulheres em situação de fragilidade, fazendo dele um libertino. Os testemunhos mais antigos contra ele reportam as datas de 26 e 31 de Janeiro de 1700 e são dados por uma mãe viúva e pela respetiva filha que supostamente aquele desonrara. O ato sexual teria sido obtido sob coação psicológica no dia de S. Sebastião do mesmo mês e ano. Segundo estas, aquele ter-lhes-á ainda dito enquanto se aquecia à lareira que nos últimos tempos levava a sua vida em atos idênticos em missão libertadora de feitiços assumida por ele para que tais donzelas não caíssem na prostituição. Tinha então trinta e cinco anos e parecem-nos demasiado sórdidos os pormenores para serem descritos aqui (ANTT-TSO-IL-028-09358, fls. 11 e 13). Segue-se uma série de acusações, que se repetiram, em tudo quase idênticas, em 1707 e 1708, perante o mesmo comissário do Santo Ofício.

No processo de sedução, dizia-se enviado por Deus, mostrava uma cruz desenhada ora a negro ora a vermelho em um dos braços, invocava poderes contra o vampirismo, os feitiços passados e as desgraças futuras a fim de conseguir relações sexuais, particularmente com donzelas virgens, mas não só. Quanto às curas, fazia-se acompanhar de canudos em que transportava unguentos de várias cores, cobrinhas, porventura sanguessugas (ANTT, TSO, IL, 28-9358, fl. 41v antigo 35v). Ao longo das cerca de duas décadas que acompanhamos este em mais pormenor através dos três processos, ele apurou os processos de sedução para conseguir os atos sexuais. Não deixa de ser curioso que, em alguns momentos, seja feito o contraponto entre as mulheres com que se terá relacionado sexualmente em Lisboa e as da Beira, entre a Sertã e a Covilhã, com quem de facto terá consumado os atos sexuais por estas relatados, por medo ou sedução, ou violência psicológica, não nos parecendo que tenha em algum momento utilizado a violência física. Os factos relatados em 1700 são de uma simplicidade atroz: as vítimas consentiriam em tais atos por medo, para não se cumprirem nelas a má sina que aquele lhes adivinhava, a queda na prostituição ou a perda da fecundidade ou serem vítimas de doença fatal. O sangue menstrual ou o da perda de virgindade constituíam a matéria predileta do feitiço, bem como uma rodilha de paninhos colocada sobre os órgãos sexuais femininos. Em 1708, acrescenta um ovo ao cerimonial e é referenciado um mouro com quem ele terá contactado em Lisboa e o terá iniciado na cura através de bênção. Mantém o achamento de ouro como prémio no consentimento na relação sexual. Finalmente, em 1715, utiliza uma moeda de ouro com a qual benze a testa, o seio esquerdo e os órgãos genitais antes de consumir o ato sexual, prometendo a descoberta de um tesouro fabuloso às possuídas. Estabelece de novo comparações nas práticas sexuais entre as mulheres da Beira “rústicas” e as de Lisboa, mais recetivas a carícias nas pontos mais sensíveis “porque já sabiam o que aquilo era e o grande bem que deles resultava” (ANTT-TSO-IL-028-09358-2, fl. 19v). Antes de Freud, o Manteigas conhece as zonas erógenas femininas em pormenor. Muito provavelmente terá lido a literatura a propósito do clítoris a que chama “alecrista” (ANTT-TSO-IL-028-09358-2, fl. 19v),

identificado por Readolus Colombus em 1559 e nos manuais das parteiras por Jane Sharp em 1671 (Gallagher, Catherine e Laqueur, Thomas 1986). Terá ele tido acesso a algum manual de Jane Sharp em Lisboa em 1710-1711? Curioso é o envolvimento dos maridos ou dos pais das mulheres que ele seduz. Os espaços onde os atos decorrem são as aldeias do aro da Sertã, em 1700 e em 1708, e a Covilhã e a Quinta da Madeira no Ferro em 1715. Acompanhava-o uma certa fama de sucesso curativo. Procuravam-no, mas sobretudo ele circulava em um aro largo. De acordo ao testemunho da cunhada Isabel Pires, algumas das suas deslocações duravam entre duas e três semanas (ANTT-TSO-IL-028-09358-1, fl. 48). Para além da Beira, estão referenciadas intervenções suas na Estremadura e no Alentejo. Pelo menos a uma das testemunhas, teria sonogado a informação da sua residência (ANTT-TSO-IL-028-09358-1, fl. 52)

O tratamento curativo levado a cabo pelo Manteigas obedece a um certo protocolo com maior ou menor rigor, pelo que intuímos, dado o medo que transparece na prática destes atos em particular depois da primeira condenação. No caso da doente do Casal da Aldeia de Tira, no concelho da Sertã, notamos a sua preocupação naquilo que se pode caracterizar como higienização tanto exterior como interior da paciente: lavagem das roupas do leito, banho e purga interior, precedida da toma de alguns alimentos, dado o estado de fraqueza geral daquela (ANTT-TSO-IL-028-09358-1, fl. 41). Confirmamos que procedia suportado em livros que não condizem com a mera acusação de feitiçaria. O protocolo seguido mais o aproxima dos procedimentos já indicados por Vasco de Taranta. O réu parece-nos alertado para o perigo de curar com bênçãos que poderia sempre supor a arrogação de poderes sobrenaturais ou da prática médica muçulmana. Então, como atualmente, o desengano médico levava à procura de alternativas em curandeiros e feiticeiros. Mesmo tendo percebido que o José Rodrigues quisera tirar partido sexual da mulher, o marido vai a casa dele para que a libertasse da doença. Resulta óbvia a crença generalizada nos feitiços, por parte de quem o procurava, acrescida no pressuposto que só quem os faz, ou põe, conseguiria mais facilmente tirá-los. No entanto, no caso em que é acusado, parece-nos mais prudente o José Rodrigues do que os seus clientes.

Pelo testemunho dos que lidaram mais próximos com ele, sabemos que usava os célebres pós de quintílio (antimónio) para fazer curas (ANTT-TSO-IL-028-09358-1, fl. 39v). Não podemos duvidar, pela preocupação demonstrada, que consultou minuciosamente João Curvo Semedo. Este deixou nas advertências à sua *Polyanthea Medicinal* a informação de ter divulgado quanto pôde os seus métodos curativos em língua portuguesa para que em todos os lugares do reino todos pudessem aceder a eles. Os três processos confirmam que José Rodrigues se habituara a uma vida peregrina desde muito novo. Parece não ter havido freguesia no vale do Zêzere onde não tenha estado de acordo ao testemunho da sua cunhada Ana Pires (ANTT-TSO-IL-028-09358-1, fl. 47). Em Pedrogão, remediou uma moça que perdera a virgindade

para não se conhecer o seu estado. No Casal da Tapada, matara com feitiços António Fernandes (ANTT-TSO-IL-028-09358-1, fl. 47).

O segundo momento de José Rodrigues Manteigas na ribalta da narrativa acontece na Covilhã, entre a freguesia de S. Martinho e a do Ferro, já depois de cumprir a segunda condenação. Não tendo perdido as capacidades curativas, todavia requintara o processo de sedução junto das mulheres, ainda que nos pareça atingido pela malária ou pela sífilis dados os sintomas descritos (ANTT-TSO-IL-028-09358-2 fls. 23v e 25). As testemunhas prestam agora declarações em um espaço paroquialmente mais preenchido. O comissário é em simultâneo pároco da freguesia de Santa Madalena e o escrivão é o cura da vizinha paróquia de S. João de Malta. As testemunhas vêm de um espaço coberto pelas atividades laneiras. O José Rodrigues trabalha agora como cardador para o pisoeiro e paneiro Tomé Rodrigues Mozam (ANTT-TSO-IL-028-09358-2, fl. 18v), estabelecido na freguesia de S. Martinho e dormia no pisão. Aí conhece o tecelão João Gomes, marido de Ana Gomes, irmão de Joana Gomes e pai de Maria Gomes envolvendo-se sexualmente com todas elas. Já notamos o requinte nas práticas sexuais em carícias e nas palavras sugestivas, moda que ele pode ter trazido de Lisboa nos anos 1710-1711, em que esteve nas galés, em ritual rigoroso, enquanto a mulher se desnuda, porém a reprodução exata pelas testemunhas bem pode indiciar que faziam parte da cultura popular erótica local: (ANTT-TSO-IL-028-09358-2, fl. 20):

“Toco-me, quero-me tocar, para este tesouro desencantar...

Toco-me, tocar-me quero, este tesouro desencantar quero...

Toco-me tocar me queria e este tesouro desencantar queria”.

#### A VIDA QUOTIDIANA NA BEIRA ANTIGA

Algumas informações laterais ao objeto do processo deixam-nos um vislumbre de vida particularmente na Sertã e na Covilhã. Frei Ambrósio do Rosário vivia naquela vila do Priorado do Crato e era organista. Com espírito pouco franciscano, recusava abrir a porta ao José Rodrigues, recusando-lhe esmola (ANTT-TSO-IL-028-09358-1, fls. 34-34v). Também sabemos que a botica estava aberta ao domingo para o normal abastecimento de remédios de que o José Rodrigues também era cliente (ANTT-TSO-IL-028-09358-1, fl. 14). Na Sertã, corria a fama das boas curas que o Manteigas fazia mesmo depois da primeira prisão e de facto sabemos de algumas, com demonstrado sucesso curativo de “maleitas quartãs”, a partir de conhecimentos tirados de um livro, e quanto cobrava, doze vinténs ou seja duzentos e quarenta réis em um caso passado na aldeia de Vaguinhas Cimeiras (ANTT-TSO-IL-028-09358-1, fls. 44v-45).

É muito rico o linguajar do povo tanto no murmúrio como no testemunho perante um inquiridor, ainda que os escrivães sejam discretos e não o registem de forma mais constante e próxima aos interlocutores. Doença é mal, achaque e maleita, situação de desbarato, de bicho a roer por dentro. Alguns doentes vomitavam quanta



imundície Deus pôs à face da terra e venenos até desfazer os bofes. Levar com uma pedra no “touiço” não era invulgar (ANTT-TSO-IL-028-09358-1, fl. 38v). Sexo é bem mais do que cópula e todo o mundo entendia as diferentes formas de a ele se referir. Sendo cardador de formação e tintureiro, o José Rodrigues Manteigas não tinha ofício, “apenas” fazia umas tintas. Na civilização rural, predominante no espaço sertanense, o dito Manteigas estava mal acostumado à labuta quotidiana, segundo o entendimento geral. Seguramente, para um sertanense, trabalhar era pegar na enxada ou exercer um ofício de sol a sol.

Cuidadosos os escrivães intervenientes nos processos utilizam sobretudo a linguagem canónica, ainda que deixem passar, de vez em quando, alguma expressão próxima do quotidiano, como já notamos. O José Rodrigues e o barbeiro de Carnapete, mesmo de relações cortadas, cumprimentavam-se “de chapéu”, assim dizia este último. O Francisco, aprendiz de barbeiro, não relata, como os demais, que “O Manteigas” quisera forçar a Maria Nunes a “atos venéreos”, mas que lhe pedira o corpo da cintura para baixo (ANTT-TSO-IL-028-09358-1, fl. 25). No entanto, as expressões mais repetidas nos processos para designar as relações sexuais são querer “desonestar” ou ter cópula carnal. Os juízes do Tribunal Santo Ofício identificam o ato sexual fora do matrimónio como “trato ilícito” (ANTT-TSO-IL-028-09358-1, fl. 61v). “Escusar médico e remédios da botica” significava que havia resposta paralela através das mezinhas naturais em mãos de curandeiros (ANTT-TSO-IL-028-09358-1, fl. 25v). Na linguagem popular, a doença logra as mais discretas e, em simultâneo, mais fortes formas de expressão: ter ânsia, roer o coração e estar possuído por um ou mais bichos. E também nos parece que os caldos de galinha sempre fizeram parte da ementa normal dos doentes acamados que também pressentem negativamente algumas visitas (ANTT-TSO-IL-028-09358-1, fl. 27). Pelos diferentes testemunhos, percebe-se como o murmúrio era uma instituição aldeã ou mesmo vilã quando os casos comentados atingiam figuras de mais elevado estatuto: as artes do José Rodrigues, percebido como feiticeiro, morador em Carnapete, são objeto de murmúrio, porém maior escândalo ainda atingem a pedofilia e as perversões sexuais do juiz de fora da Sertã, António de Andrade Soares (ANTT-TSO-IL-028-09358-1, fl. 44 et passim). Encontraremos este magistrado das terras do Crato, em 1713, nos cárceres do Santo Ofício com a referência que era natural do Rio de Janeiro. Este era uma figura abonada de bens porquanto titulava um extenso emprazamento em Alcobia, Cernache de Bom Jardim, no valor de 200 000 réis, e tinha outros bens em Arraiolos, onde exercera o mesmo cargo, e fizera vários empréstimos de dinheiro. Será condenado por Judaísmo e não por estes crimes cometidos na Sertã (ANTT-TSO-IL-28-5006). Nesta vila e terras do seu termo, ir “além do rio” significava atravessar o Zêzere (ANTT-TSO-IL-028-09358-1, fl.15). “Aquele magano”, referido ao Manteigas, era de facto pejorativo ANTT-TSO-IL-028-09358-1, fl. 26v).

A medida do tempo não se faz de modo exato, mas aproximado e referenciado por tempos fortes da liturgia cristã ou pelo ciclo agrícola anual. Uma das testemunhas

no processo diz que se deslocou à Aldeia do Casal de João Tira na altura da apanha da castanha (ANTT-TSO-IL-028-09358-1, fl. 33v). Não nos deixamos de surpreender com alguns destes retratos da vida campesina como o regresso do apicultor da suas tarefas com um “cocho de mel” e a perda atribuída às artes do Manteigas que sobre ele fez atrair “bichos” vorazes por não lho ter dado (ANTT-TSO-IL-028-09358-1, fl. 38v). A leitura pública das cartas que chegavam de longe completava uma cena recorrente de elevado interesse na vida local até aos nossos dias. Nem só o destinatário tinha acesso ao conteúdo. As cartas dirigidas pelo Manteigas à primeira mulher eram também ouvidas ler pela cunhada Isabel Pires que testemunha que algumas eram escritas a vermelho (ANTT-TSO-IL-028-09358-1, fl. 48v).

#### CONCLUSÃO

Não confirmamos aqui um percurso individual feito em nome de valores humanistas, filosóficos ou religiosos, como os que informaram Heitor Pinto, movido pela verdade e o bem, ou três séculos depois Feio Terenas, motivado pela virtude republicana. Nem podemos imaginar a prática curativa dentro dos princípios da curiosidade e menos do experimentalismo. José Rodrigues Manteigas sobrevive em um mundo de satisfação das necessidades individuais mesmo que tenha de recorrer ao crime de acordo aos testemunhos que nos chegaram. Não há valores de referência para esta figura, nem religiosos, nem políticos, nem humanos em geral. Parece que vale tudo. No entanto, ainda muito lúcido em vinte de junho de 1709, perante o juiz do Tribunal do Santo Ofício, João de Sousa Castelo Branco, o José Rodrigues Manteigas justificou a fuga das galés com a necessidade de assistência à mulher doente e invocou a legitimidade das práticas curativas pois as levava a cabo sem feitiçaria, antes administrava “remédios naturais” e consultava livros médicos e cirúrgicos (ANTT-TSO-IL-028-09358-1, fl. 45v). Não assumia culpas, portanto, no concernente aos procedimentos curativos (ANTT-TSO-IL-028-09358-1, fls. 61 e 62). No entanto, com mais ou menos pormenores, pelos testemunhos contra ele arrolados, parece que seduziu algumas mulheres durante os procedimentos curativos, com promessas de achamento de metais preciosos e tesouros e levou a cabo atos sexuais que foram o principal motivo das sucessivas condenações nos cárceres do Santo Ofício e na Galés.

Não há testemunhos totalmente isentos nos três processos. Não o são totalmente as vítimas de assédio, nem os profissionais da arte de curar, médico, barbeiro e auxiliar, que o condenam, nem os familiares do José Rodrigues Manteigas arrolados no Ferro que o colocam de porta em porta a acompanhar o sagrado viático e a frequentar a missa para além da de todos os domingos e o querem salvar a todo o custo. A verdade em todos os tempos quase sempre fica prisioneira das circunstâncias. Nós descrevemos aqui algumas destas para melhor compreensão daquela.

#### CRONOLOGIA

Tabela 01.

As mezinhas e os feitiços

MEZINHA	DESCRIÇÃO	FONTE
Asa de coruja	Para curar a asma (suposta, feitiçaria)	ANTT-TSO-IL-028-09358-1, fl. 52v)
Barbasco com unto frigidos	Para curar tumor alporcam em menina de dez anos	ANTT-TSO-IL-028-09358-2, fl. 18
Pós vermelhos	Aplicados a Maria Nunes para purgar, depois de tomar chá de ervas por estar muito fraca, tossir e vomitar sangue. Os mesmos serviam para purgar.	PT-TT-TSO-IL-028-09358-1, fl. 5v, 13v, 41
Infusão de Canas, de raiz de grama de erva trogainha, para beber e lavagens, urtigas bravas para açoute de um braço paralisado	Lavagens aplicadas a Maria Nunes, tolhida, ficou em letargia e faleceu cinco dias depois	PT-TT-TSO-IL-028-09358-1, fl. 13v, 41.
Pós verdes, pós amarelos aplicados com clara de ovo	Aplicados a ferida numa perna de Miguel Fernandes, criou pústula	ANTT-TSO-IL-028-09358-1, fl. 31-31v, 37v.
Bagas vermelhas pisadas	Aplicadas a curar dor de costas de António Fernandes de que faleceria	ANTT-TSO-IL-028-09358-1, fls. 37-37v
Pó de quintílio (antimónio)	Curou uma escrava negra na margem direita do Zêzere	ANTT-TSO-IL-028-09358-1, fl. 39v
Cozimento de ervas, temperadas com mel e açúcar	Curou as maleitas quartãs do genro do sapateiro de Vaguinhas Cimeiras, eliminou o catarro do paciente	ANTT-TSO-IL-028-09358-1, fl. 45-45v

Tabela 02.

Lugares referenciados nos interrogatórios da Sertã

LUGAR	DESCRIÇÃO	FONTE
Cabeçudo	Moram aí João Lopes, bem como Ana Pires	ANTT-TSO-IL-028-09358-1, fls 33, 47
Casal do Moinho da Ribeira	É daí a testemunha Isabel Simões	ANTT-TSO-IL-028-09358-1, fl. 52
Casal de Carnapete	O reu casou aí com Maria Fernandes e depois com Maria Dinis, sua mulher. Mora também aí o barbeiro Manuel Lopes, inimigo de réu.	ANTT-TSO-IL-028-09358-1, fl. 1, 14,
Casal da Aldeia de João Tira	Moram aí Maria Nunes, a quem o réu terá feito feitiço, Domingas e Miguel Fernandes, filhos de António Fernandes, Manuel Fernandes Frade.	ANTT-TSO-IL-028-09358-1, fl. 5v, 14, 18v, 23.
Casal da Aldeia Ruiva		
Cernache de Bom Jardim	Foram aí tomados testemunhos	(ANTT-TSO-IL-028-09358-1, fl. 52.
Monte Chamiço (Alentejo)	O Manteigas tinha aí boa fama por lá ter feito curas	ANTT-TSO-IL-028-09358-1, fl. 47
Pampilhosa	O Manteigas diz que residia ali enganando uma testemunha	ANTT-TSO-IL-028-09358-1, fl. 52.
Pederneira	Era natural daí Pedro Martins	ANTT-TSO-IL-028-09358-1, fl. 26
Pedrógão	Fez curas	ANTT-TSO-IL-028-09358-1, fl. 47
Pernegudo	Era natural daí um tal Salvador	ANTT-TSO-IL-028-09358-1, fl. 19
Pias	O Manteigas foi aí curar a mulata de um cavalheiro	ANTT-TSO-IL-028-09358-1, fl. 47

Tabela 02.

Lugares referenciados nos interrogatórios da Sertã (Continuação)

LUGAR	DESCRIÇÃO	FONTE
Serra de S. Domingos	Mora aí Joana Dinis, mulher de João Rodrigues, irmã de João Lopes	ANTT-TSO-IL-028-09358-1, fl. 34
Vila da Sertã	Era comissário do Santo Ofício Lourenço Dias Salgueiro. Médico Municipal dito de Partido era o Doutor Manuel Themudo, padres beneficiados e daí naturais Manoel Nunes e Tomás Gomes. Vivia na Sertã Frei Ambrósio do Rosário organista no Convento de S. Francisco, mas em casa própria. Era daí a testemunha Manuel Pereira de Araújo	ANTT-TSO-IL-028-09358-1, fl. 5, 13, 24v
Vaguinhas Cimeiras	Mora aí Francisco Fernandes, sapateiro	ANTT-TSO-IL-028-09358-1, fl. 26v
Casal da Tapada	Vive aí Maria Fernande, viúva de António Fernandes, que aquele terá matado com feitiços	ANTT-TSO-IL-028-09358-1, fl. 47.
Serra do Pinheiro	Vive aí António Nunes em 1700	ANTT-TSO-IL-028-09358, fl. 15
Passarias	Vive aí o alfaiate António Nunes, "Nariz Quebrado".	ANTT-TSO-IL-028-09358, fl. 17v.

Tabela 03.

Lugares referenciados nos interrogatórios da Covilhã

LUGAR	DESCRIÇÃO	FONTE
Cruz da via sacra de Santo António	José Rodrigues Manteigas faz uma pantomina a Maria Gomes na presença do pai, João Gomes prometendo-lhe a descoberta de um tesouro junto às Porta do Sol	ANTT-TSO-IL-028-09358-2, fl. 8v
Quinta da Madeira	Mora aí Luísa Gomes, testemunha	ANTT-TSO-IL-028-09358-2, fl. 11
Fonte da Cárcula extra muros	José Rodrigues seduz Ana Gomes dizendo-lhe que encontraria além um tesouro em valor de mais de treze milhões que fora de Dona Júlia Cava	ANTT-TSO-IL-028-09358-2, fl. 19
Unhais	José Rodrigues seduziu aí duas primas	ANTT-TSO-IL-028-09358-2, fl.23v
Aldeia Nova das Donas	José Rodrigues seduziu uma viúva	ANTT-TSO-IL-028-09358-2, 23v
Ferro	Lugar de residência do José Rodrigues e do meio irmão	ANTT-TSO-IL-028-09358-2, 24v.

#### CRONOLOGIA

1665 – Nasce José Rodrigues em Manteigas em casa de Manuel Fernandes, pisoeiro, e de Isabel Rodrigues. Aprende o ofício de cardador.

1676 – Tem onze anos e é criado de Bento de Sequeira açougueiro na Covilhã.

1678 – Depois de servir dois anos o anterior, vai para Penamacor para casa de Isabel de Proença, onde esteve quatro ou cinco anos.

1700 – Em 20 de Janeiro, dia de S. Sebastião, assedia e comete crime de índole sexual em casa de uma das vítimas segundo os testemunhos datados adiante.

1700 – Em 26 de Janeiro, é acusado pela mãe de uma donzela de a ter assediado e desonrado.

1700 – Em 31 de Janeiro, é acusado do crime de assédio sexual pela referida vítima a quem atemorizara prevendo-lhe o destino da queda na prostituição. Seguem-se outros testemunhos de práticas de feitiçaria e assédio. Intimidava as vítimas mostrando uma cruz negra desenhada em um pulso e dizia que o seu pai morrera em os cárceres do Santo Ofício.

1700 – Em 1 de Outubro é expedida em Lisboa a acusação contra José Rodrigues pelo Tribunal do Santo Ofício.

1700 – Em 17 de Novembro, o comissário do Tribunal do Santo Ofício na Sertã convoca as primeiras testemunhas para conferir os delitos de que é acusado o José Rodrigues.

## CRONOLOGIA (CONTINUAÇÃO)

1700 – Ordem de prisão de José Rodrigues Manteigas datada de 29 de Novembro e assinada por João Duarte Ribeiro e Nuno da Cunha de Ataíde.

1701 – Entra nos cárceres do Tribunal do Santo Ofício em 3 de Janeiro em Lisboa depois de ser trazido preso da Sertã.

1702 – Em 19 de março, na Igreja de S. Domingos, em Lisboa, José Rodrigues Manteigas é condenado por superstição e pacto com o demónio. Reconciliado em auto de fé, nesta data, foi açoitado e levado para cumprir cinco anos nas galés.

1702 – No primeiro de abril, entra ao serviço na galé a que foi destinado.

1706 – Em 4 de janeiro fugiu da galé onde cumpria a pena, com um acusado de bigamia, Manuel Vieira, de quem se separa em Santarém, mas no mês seguinte já tinha sido localizado. Voltara à casa onde vivia com a mulher em Carnapete, na Sertã.

1706 – Ainda no mês de janeiro, já se encontrava na Sertã e a sua mulher ainda esta viva.

1706 – É denunciada a sua presença no concelho da Sertã em 21 de fevereiro pelo comissário do Santo Ofício, Lourenço Dias Salgueiro que o conhecia bem pois conduzira o primeiro inquérito, seis anos antes.

1706 – Aberto novo processo contra ele em 20 de Março.

1707 – Em domingo da quaresma, assedia a mulher de Manuel Fernandes Frade com um bolo.

1708 – Em 7 de Maio, é emitida a ordem de prisão do José Rodrigues pelo TSO em Lisboa.

1709 – Em 30 de Junho, de novo, no Rossio é condenado em auto de fé.

1710-1711 – Cumpre pena nas galés

1714 – Trabalha como cardador em casa de Tomé Rodrigues Mozam, psioeiro e paneiro na Covilhã, com o nome falso de João Ferreira, dormia no pisão daquele, mas residia em casa do meio-irmão António Fernandes, no Ferro.

1715 – Está de novo preso no aljube da cidade da Guarda e tem cinquenta anos.

1716 – Começa o seu Julgamento em Lisboa, onde chega a 16 de Fevereiro.

1717 – Em 22 de Junho, é condenado a mais sete anos nas galés ou seja até aos sessenta.

1717 – Em 30 de Outubro, parte para as galés e dele não sabemos mais, porventura se lhe foi comutada a pena e, por exemplo, exilado para o Brasil.

## FONTES MANUSCRITAS

ANTT, RGM (Registo Geral de Mercês), D. Afonso VI, liv.5, fl. 346

ANTT, Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa, n.º 10697, acessível em rede: Processo de Gaspar de Sequeira relaxado à justiça secular em 16 de Novembro de 16146.

ANTT, Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa, proc. 9358, acessível em rede: PT-TT-TSO-IL-028-09358); primeiro processo, movido a José Rodrigues Manteigas, iniciado em 1700 terminado em 1702 com a condenação às galés por cinco anos.

ANTT, Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa, proc. 9358-1, acessível em rede: (PT-TT-TSO-IL-028-09358-1) segundo processo, terminado em 1709 com a condenação às galés por dois anos

ANTT, Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa, proc. 9358-2, acessível em rede: (PT-TT-TSO-IL-028-09358-2), terceiro processo, terminado em 1717, com a condenação às galés por sete anos.

## BIBLIOGRAFIA

Araújo, Maria Eduarda M. (2012). A cor dos têxteis antigos. Os neutros: beije, castanho e preto. Texto de apoio ao Workshop “Pigmentos e Corantes Naturais na Tinturaria Antiga: Usos e Estruturas. Lisboa. Centro de Arqueologia de Almada.

Em rede

[http://moodle-arquivo.fc.ul.pt/1213/pluginfile.php/44548/mod\\_resource/content/1/Corantes%20texteis\\_workshop%20Museu%20Nacional%20de%20Arqueologia.pdf](http://moodle-arquivo.fc.ul.pt/1213/pluginfile.php/44548/mod_resource/content/1/Corantes%20texteis_workshop%20Museu%20Nacional%20de%20Arqueologia.pdf), (consultado em 15 de Março de 2014.

Arraes, Duarte Madeira (1638). Apologia em que se Defendem huas Sangrias de Pés Dadas em hua

## BIBLIOGRAFIA (CONTINUAÇÃO)

Inflamação de Olhos Complicada com Gonorrehea Purulenta de Seis Dias. Lisboa: António Arevaz (sic).

Arraes, Duarte Madeira (1642). Methodo de conhecer e curar o morbo gallico. Lisboa: António Craesbeck de Melo e António Leite Pereira, mercador de livros.

Castro, Ferreira de (1990). A Lã e a Neve. 15ª ed.. Lisboa: Guimarães Editores.

Cortes, Geronimos (1595). Libro de Phisonomia Natural, y Vario Secretos de Natureza: el Qual Contiene Cinco Tratados de Materias Diferentes, no Menos Curiosas que Provechosas. Valencia: Chrysostomo Garriz.

<http://bivaldi.gva.es/es/consulta/registro.cmd?id=4028>

Cortez, Jeronymo (1707). O non plus ultra do lunario e pronostico perpetuo geral e particular para todos os reynos e províncias. Trad. António da Silva Brito. Lisboa: oficina de Domingos Gonçalves.

Ferreira, Antonio (1693). Luz verdadeyra, e recopilado exame de toda a cirurgia, Lisboa: Oficina de João Galvão.

Freitas, Augusto Santos Barjona de (1918). A região de Manteigas (solo, clima, população e agricultura. Lisboa: Imprensa de Manuel Lucas Torres.

Gallagher, Catherine e Laqueur, Thomas (ed.) (1986). The Making of the Modern Body: Sexuality and Society in the Nineteenth Century. Berkley: Universidade da Califórnia.

Garrett, Almeida (1845-1850). O Arco de Sanct<sup>a</sup>anna: Chronica Portuense. 2 volumes. Lisboa: Imprensa Nacional

Grisley, Gabriel (1669). Desenganos para a medicina ou botica para todo pay de familias : consiste na declaração das qualidades, & virtudes de 260 ervas, com o uso dellas : tambem de 60 agoas estiladas, com as regras da arte da estilação. Coimbra: Oficina de Tomé Carvalho.

Henriques, Francisco da Fonseca (1726). Aquilegio Medicinal, em que se dá noticia das agoas de

Caldas, de fontes, rios, poços, lagoas e cisternas do Reyno de Portugal e dos Algarves que ou pelas virtudes medicinaes que tem ou por outra singularidade são dignas de memoria,

Macedo, Jorge Borges de (1982). Problemas de História da Indústria Portuguesa no Século XVIII. Lisboa: Quercó.

Morão, Simão Pinheiro (1683). Trattado Único das Bexigas e Sarampo. Lisboa: João Galvão.

Nava, Pedro (2003). Capítulos da História da Medicina no Brasil. São Paulo: Oficina do Livro Rubens Borba de Moraes.

Ordenações e leis do reino de Portugal (1833), recopiladas per mandado d'el Rei D. Filippe o Primeiro, Décima Edição, segundo a de Coimbra de 1824, Tomo III. Coimbra: Real Imprensa da Universidade.

Osberno (1147); Silva, Augusto Vieira (pref.) (1935), Conquista de Lisboa aos Mouros. Lisboa; Câmara Municipal.

Pereira, António dos Santos (1994). Espaços, Homens, Recursos: Contribuição para a História da Produção em Portugal (1475-1525). 3 volumes. Lisboa: Faculdade de Letras.

Pereira, António dos Santos (1997). A Fronteira Beirã no Tempo de D. Afonso Henriques. Algumas Notícias Covilhanenses. in Atas do 2º Congresso Histórico de Guimarães, Vol. II/ A Política Portuguesa e as suas Relações Exteriores. Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães e Universidade do Minho. pp. 201-221.

Pereira, António dos Santos (2000). Os abismos do Medo: Astrologia, Feitiçaria e Demónio desde a Idade Média. Notas Beirãs de um Projeto Imenso. in Educação, Indivíduo e Sociedade. Revista da Área Departamental de Ciências da Educação e Psicologia, Universidade do Algarve: Editorial Minerva, Patrocínio da F.C.G.. n.º 1: 111-122.

Pereira, António dos Santos (2003). Portugal. O Império Urgente (1475-1525): 1º vol. Espaços, Homens e Produtos, p. 549; 2º vol. Quadros Mentais e Aspetos do Quotidiano. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Pereira, António dos Santos (2009). Portugal Adentro do Douro ao Tejo. O Milénio Beirão. Covilhã: UBI.



## BIBLIOGRAFIA (CONTINUAÇÃO)

Pereira, António dos Santos (2009a). A diáspora no seu esplendor. A História da Menina e Moça – o amor no Labirinto da Saudade: confluência de imaginários e paradoxos, no vale de lágrimas da vida, enchente de ausências, disfarces e tristezas. *Á Beira*, 9, pp. 7-40.

Pereira, António dos Santos (2010). (1 ed.). Covilhã, Portugal: UbiLetras/Departamento de Letras da Universidade da Beira Interior.

Pereira, António dos Santos (2012). A Verdade e o Bem em Heitor Pinto. Covilhã: UBI.

Pereira, António dos Santos (2013). Cidadania Republicana: Feio Terenas, entre Froebel

e Comte. *UbiLetras*. n. 4. Covilhã: UBI. Pp. 75-104.

Quintílio, Alexandre (1616). *Relacion y Memoria de los maravillosos effectos y notables provechos que han hecho e hazen los polvos blancos solutivos de la quinta esencia del oro*, Madrid, Luiz Sanchez.

Santa Catarina, Lucas de (1704). *Serão político, abuso emendado, dividido em três noites para divertimento dos curiosos*. Lisboa: Oficina de Valentim da Costa Deslandes.

Santo António, D. Caetano de (1704). *Pharmacopea Lusitana: Methodo Pratico de Preparar, e Compor os Medicamentos na Forma Galenica com todas as Receitas mais Uzuais*. Coimbra: João Antunes, mercador de livros.

Semedo, de João Curvo (1697). *Polyanthea Medical Noticias Galenicis e Chymicas*. Lisboa: Oficina de Miguel Deslandes.

Silva, José Justino Andrada e (1854). *Collecção Chronologica da Legislação Portuguesa*. vol. 1 (1603-1612). Lisboa: Imprensa de J. J. A. Silva.

Siqueira, Sónia Aparecida (1973). "Trabalho Compulsório: a pena inquisitorial das galés", *Anais do VI Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História – ANPUH, Goiânia*, setembro 1971, pub. In *Trabalho Livre e Escravo*, vol. I, (org.) Prof. Eurípedes Simões de Paula, S. Paulo, *Revista de História*, vol. XLIII, pp. 353-372. <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S06.12.pdf> consultado em 11 de Março de 2014.

Rego, Raul (1982). *Os Índices Expurgatórios e a Cultura Portuguesa*. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa.

Soares, Franquelim Neiva (1993). *Medicina Popular e Feitiçaria nas Visitações da Arquidiocese de Braga nos Séculos XVI e XVII*. *Revista de Guimarães*, n.º 103: 67-97.

[http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG103\\_04.pdf](http://www.csarmento.uminho.pt/docs/ndat/rg/RG103_04.pdf)

*Ubimuseum*

Revista Online do Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior